



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS – CAMPUS III
CURSO DE LETRAS

ALINE DA SILVA ANDRADE

A COESÃO E A COERÊNCIA

GUARABIRA - PB
2017

ALINE DA SILVA ANDRADE

A COESÃO E A COERÊNCIA

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Edilma Lucena Catanduba

GUARABIRA - PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553c Andrade, Aline da Silva.
A coesão e a coerência [manuscrito] : / Aline da Silva
Andrade. - 2017.
14 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2018.
"Orientação : Profa. Dra. Edilma Lucena Catanduba,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Coesão. 2. Coerência. 3. Produção textual. 4. Ensino.
21. ed. CDD 410

ALINE DA SILVA ANDRADE

A COESÃO E A COERÊNCIA

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 20/10/2017

BANCA EXAMINADORA

Edilma de Lucena Catanduba

Orientadora: Prof.^a Dra. Edilma de Lucena Catanduba

Maria Neni de Freitas

Prof.^a Dra. Maria Neni de Freitas

João Irineu de França Neto

Prof.^o Dr. João Irineu de França Neto

SUMÁRIO

Introdução.....	06
1. Concepções de escrita na escola	07
2. Definindo Coerência.....	09
3. Definindo Coesão.....	10
4. Considerações Finais.....	13
Referências Bibliográficas	14

Resumo

A coesão e a coerência são elementos fundamentais para a construção de um texto. Asseguram a produção de sentidos para o texto. Este trabalho tem por finalidade refletir sobre o ensino dessa temática no nível fundamental II. O nosso interesse por esse tema surgiu porque observamos que, existe muita dificuldade por parte dos alunos do ensino do fundamental II em escrever textos coesos e coerentes e existe também uma dificuldade por parte do professor em ensinar a escrever. Nas aulas de língua portuguesa, ainda é muito reduzido o espaço para o ensino da escrita. Utilizaremos como fundamentação teórica estudos de Koch e Elias 2014, Antunes 2003 e 2005.

Palavras-chave: Coesão, Coerência, Produção Textual, Ensino.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, é nosso objetivo discutir o ensino das principais estratégias de coesão e coerência. Para tanto, é imprescindível apontar os problemas de coesão que tornam os textos destituídos de unidade de significação e pontuar os problemas de coerência que conflituam a compreensão textual.

A coesão e a coerência são elementos fundamentais para a construção de um texto, pois, esses processos asseguram a compreensão, estabelecendo relações entre os segmentos da tessitura do texto. Recorremos aos estudos de Koch e Elias (2014), Antunes (2003 e 2005). Essas autoras discutem dentre outras, essa temática no contexto da concepção de linguagem como interação. Assim, com base nos estudos dessas autoras fazemos reflexão. Dividimos nosso trabalho da seguinte forma: concepção de escrita na escola, definindo coerência, definindo coesão.

1. CONCEPÇÃO DE ESCRITA NA ESCOLA

A escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas. Uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente, por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependam na busca dos mesmos fins. Assim, numa inter-ação (“ação entre”), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também: A iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições.

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. As palavras são apenas mediação, ou material com que se faz a ponte entre quem fala e quem escreve e quem lê. Como mediação, elas possibilitam expressão do que é sabido, do que é pensado, do que é sentido. O professor não pode, sob nenhum pretexto insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito. Como uma modalidade de uso da língua, a escrita existe para cumprir diferentes funções comunicativas, de maior ou menor relevância para a vida da comunidade. Dessa forma, toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam.

Pela escrita alguém informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica, comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e divulga o conhecimento produzido pelo grupo. Em suma, socialmente, não existe a escrita “para nada”, “para não dizer”, “para não ser ato de linguagem”. A escrita de palavras ou de frases soltas, de frases inventadas, de textos sem propósitos, sem a clara e inequívoca definição de sua razão de ser. A escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza sobre ele Antunes (2003, p. 50) afirma que:

Os gêneros de textos evidenciam essa natureza altamente complexa das realizações linguísticas: elas são diferentes, multiformes, mutáveis, em atendimento à variação dos fatores contextuais e dos valores pragmáticos que incluem e, por outro lado, são prototípicas, são padronizadas, são estáveis atendendo à natureza social das instituições sociais a quem servem.

A escrita, assim como a fala se baseia em algum aparato para ser transmitida, dessa forma se evidencia. Por outro lado, na escrita percebe-se que os falantes alteram o estilo, levando em conta: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Pelo contato com os textos escritos formais é que se pode apreender a formulação própria da escrita formal. Tomemos como exemplo, um texto escrito no livro aula de português de Antunes pag. 53.

“Atenção

Capacidade licenciada: 6 passageiros ou 420 kg a utilização acima destes limites é perigosa e ilegal sujeitando os infratores às penalidades da legislação”.

O texto ganha coerência, em um contexto na fala informal, as informações que são dadas neste texto teriam uma formulação bem diferente.

2. DEFININDO COERÊNCIA

Entendida como princípio de interpretabilidade, a noção de coerência tem sido objeto de muitos estudos que tem como foco a leitura em perspectiva teórica ou pedagógica. Reiteramos a concepção de escrita como atividade que demanda a ativação e a utilização de conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, textuais e interacionais, em etapas realizadas recursivamente, que dizem respeito ao planejamento da escrita, à escrita propriamente dita e à reescrita.

Segundo Koch (2005, p. 194),

Isso significa dizer que, na atividade de escrita entendida em perspectiva interacional, a coerência não se “localiza” no texto, também não se localiza apenas nas intenções do autor, nem apenas nos conhecimentos e experiências do leitor, mas na conjunção desses fatores.

Locutor e interlocutor constroem juntos a coerência. Ou seja, o texto é coerente, faz sentido, não pela linearidade de sua composição nem pela padronização de sua sequência. Mas, exatamente, porque quebra essa linearidade; porque viola essa padronização com uma função comunicativa definida, buscando um efeito comunicativo particular.

A coerência não é, portanto, uma propriedade estritamente linguística nem se prende, apenas, às determinações linguísticas; mas as ultrapassa. E, então, o limite é a funcionalidade do que é dito, os efeitos pretendidos, em função dos quais escolhemos esse ou aquele jeito de dizer as coisas.

Em síntese: a coerência é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como um meio de interação verbal. Por isso, ela é em primeira mão, linguística. Não se pode avaliar a coerência de um texto sem se ter em conta a forma como as palavras aparecem, ou a ordem de aparição dos segmentos que o constituem. O texto supõe uma forma material, e essa forma material supõe uma organização padronizada, definida.

Só que o aparato linguístico que o texto assume vai depender também da interação com o interlocutor. Isso equivale a admitir que a coerência do texto é: *linguística* mas é, também, *contextual*, *extralinguística*, *pragmática*,

enfim, no sentido de que depende também de outros fatores que não aqueles puramente internos à língua.

A coerência depende de cada situação, dos sujeitos envolvidos e de suas intenções comunicativas, como tudo o mais em relação à língua (ou relação à vida dos fatos sociais).

3. DEFININDO COESÃO

A coesão é uma decorrência da própria *continuidade* exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto quer dizer, não há uma coesão que exista por si mesma e para si mesma.

Existe, assim, uma cadeia facilmente reconhecível entre *continuidade*, *unidade* e *coerência*. De maneira que é artificial separar coesão e coerência, assim como é artificial separar forma de conteúdo, ou sintaxe de semântica, por exemplo.

A coesão existe em função da coerência, no sentido de que as palavras os períodos, os parágrafos, tudo, qualquer segmento se interliga no texto para que ele faça sentido, para que ele se torne interpretável.

Se nos valem de repetições, de substituições, de elipses, de conectores etc., é para que aquilo que dizemos possa ter sentido e uma intenção reconhecidos.

Essa determinação cognitiva vai refletir-se, conseqüentemente, na arrumação também coesa (e não aleatória) das unidades com que construímos nossos textos; e essa arrumação coesa corresponde a uma das condições para que as coisas digam, tenham sentido, o que é o mesmo que dizer: para que nossos textos sejam coerentes.

Tal interdependência entre a coesão e a coerência – ou essa quase impossibilidade de estabelecer entre elas limites inconfundíveis – foi comumente sentida por muitos estudiosos das linguísticas de texto.

Acontece que tais princípios, válidos para a frase, se aplicam também ao texto. Assim como um conjunto qualquer de palavras não constitui uma frase, um conjunto de palavras não constitui um texto. Tal como para o plano da frase, existem critérios que regulam a boa formação textual ou, em outros termos,

existe uma norma mínima de composição textual. Em termos gerais, essa norma é comum a todos os membros de uma comunidade linguística e constitui a competência textual dos falantes dessa comunidade. O previsível é que, numa comunidade linguística, os sujeitos tenham o domínio dessas regras da boa formação da frase e do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que, ninguém escreve sem um destinatário e que o que mais conta não será a ortografia e nem as simples regras de concordância, e sim o desenvolvimento dos tópicos. Enfim, escrever é uma atividade que exige reciprocidade. A escrita de um texto tem que ter sentido para que o leitor possa elaborar sentidos para o texto

A coesão e a coerência são de extrema importância na produção de uma redação. A coesão por sua vez, possibilita ao texto uma continuidade a qual, é exigência da unidade que dá coerência ao texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé Costa. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 1ª edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de português: encontro & interação**. 1ª edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KOCH, Ingedore Vilhaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2ª edição, São Paulo: Editora Contexto, 2015.